



A Influência Positiva da Brincadeira na Educação Infantil

Aparecida Alves Leite Belo¹; Cícera Alves Nunes²

Resumo: O presente estudo teve como objetivo analisar estruturas e bases teóricas que vislumbrassem as influências positivas das brincadeiras nas salas de aula de educação infantil, de modo que fosse possível fazer levantamento bibliográfico de autores e autoras que defendessem a prática de jogos no primeiro acesso da criança a vida escolar, que se dá na educação infantil, determinadamente dividida entre creches e pré-escola. Utilizou-se como metodologia de pesquisa um estudo teórico e bibliográfico, no sentido de identificar e descrever as concepções favoráveis ao trabalho dinâmico e interativo das brincadeiras escolares e/ou populares. Tomamos como base e suporte teórico a obra de Kishimoto, 2008 que retrata o brinquedo a brincadeira e a educação, também nos referenciamos na obra de Frienmann (2012), que trouxe uma discussão mais centrada sobre o ato de brincar na educação infantil, ainda, utilizou-se como suporte teórico a discussão de Oliveira (2012), que nos possibilitou maior aprofundamento e análise sobre o trabalho do professor na educação e infantil, e por fim, enfatizamos Sommerhaider (2011), que nos fez refletir sobre o jogo e a educação da infância, e as possibilidades de aprendizagem por meio da prática dos jogos e das brincadeiras. O estudo no possibilitou um olhar mais crítico e preciso quanto à necessidade de adaptação e integração das brincadeiras nos currículos e práticas da educação infantil. Contudo, entendemos a urgência de uma proposta de um ensino voltada à prática lúdica, mas que não caracterize a brincadeira apenas como recurso pedagógico, mas como atitudes essenciais que possibilitam a conquista da liberdade de expressão, o conhecimento de si mesmo e do outro, assim como seu espaço no mundo e na sociedade.

Palavras-chaves: Aprendizagem. Desenvolvimento Infantil. Brincadeiras na prática. Prática e Gestão de sala de aula.

The Positive Influence of Playing in Child Education

Abstract: The present study aimed to analyze structures and theoretical bases that glimpsed the positive influences of games in early childhood classrooms, so that it was possible to make a bibliographic survey of authors who advocated the practice of games in the first access of the school. school life, which occurs in early childhood education, determinedly divided between daycare centers and pre-school. A theoretical and bibliographic study was used as research methodology, in order to identify and describe the conceptions favorable to the dynamic and interactive work of school and / or popular games. We take as a base and theoretical support the work of Kishimoto, 2008 that portrays the toy the play and education, we also refer to the work of Frienmann (2012), which brought a more focused discussion on the act of playing in early childhood education, The discussion by Oliveira (2012) was used as a theoretical support, which allowed us to go deeper and analyze the work of the teacher in education and children, and finally, we emphasize Sommerhaider (2011), who made us reflect on the game and the childhood education, and the possibilities of learning through the practice of games and play. The study did not allow a more critical and precise look at the need for adaptation and integration of play in the curricula and practices of early childhood education. However, we understand the urgency of a teaching proposal aimed at playful practice, but which does not characterize play only as a pedagogical resource, but as essential attitudes that enable the achievement of freedom of expression, knowledge of oneself and the other, as well as its space in the world and in society.

Keywords: Learning. Child development. Practical games. Classroom practice and management.

¹ Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC. aparecidaalvesleitebelo@outlook.com;

² Universidade de Pernambuco- UPE. professoraciceranunes07@gmail.com.

Introdução

Entender o quanto o brincar é importante e indispensável à aquisição de habilidades inerentes a prática da educação infantil é algo que precisa ser revisto e rediscutido nas escolas que ofertam tal modalidade de ensino. As brincadeiras, quando vista sob um olhar lúdico, dinâmico e pedagógico, tornam-se ferramentas eficientes para o desenrolar do trabalho didático do professor, pois através do ato de brincar, não brincar pro brincar, brincar com um fim em um objetivo, as crianças interagem entre si, se socializam e se *desenvolvem* social e emocionalmente. A escolha do presente tema se deu a partir do entendimento de que, não pode existir ensino infantil sem ludicidade, a prática do lúdico é uma característica muito subjetiva da educação infantil, assim o tema nos proporciona uma viagem no mundo mágico do ensino infantil.

Os professores que assumem turma de educação infantil estão realmente preparados para um trabalho voltado às questões lúdicas do aprender? Essa é a problemática central, que será discutida em torno de embasamentos teóricos apresentados no decorrer deste trabalho.

O presente estudo teve como objetivo principal analisar estruturas e bases teóricas que vislumbrassem as influências positivas das brincadeiras nas salas de aula de educação infantil, já que hoje em dia as brincadeiras não são mais valorizadas ou, são estereotipadas nos planejamentos escolares. Infelizmente, a maioria dos pais de alunos não tem tempo para brincar com seus filhos, assim como entendeu-se, com base na pesquisa que ainda existe deficiência na formação continuada dos professores em se falando da sua preparação para utilizar a brincadeira como meio e não como fim. Partindo desse princípio buscou-se entender se o uso de jogos e brincadeiras em sala de aula está sendo oportunizado, como caminho para o desenvolvimento de habilidades específicas, ou somente como forma de passar o tempo e manter a sala concentrada na atividade?

A presente discussão parte da necessidade de ver a brincadeira apenas de diversão, mas sim uma ferramenta educativa onde as crianças aprendem a desenvolver seus aspectos cognitivos, físico, intelectual, psicológico e social. É por meio de brincadeiras que as crianças são capazes de desenvolver sua linguagem, imaginação, fantasia, memória, assimilação de conhecimentos, aprende a socializar e interagir desde cedo, com as experiências de vida dos adultos e os demais colegas da mesma faixa etária de idade.

A escolha do presente tema justifica-se pela necessidade de compreendermos o ato brincar como algo que pertence às crianças, é através dos brinquedos que elas aprendem a ver

o mundo, onde elas criam e inventam a cada nova brincadeira. É necessário que as brincadeiras sejam respeitadas e introduzidas no espaço escolar porque fazem parte da infância e contribui no desenvolvimento de aprendizagem das mesmas.

O estudo parte de uma pesquisa bibliográfica onde será abordada a influência positiva da brincadeira de qualidade na educação infantil, abrindo espaço para discussões sobre o pensamento antropológico sobre a cultura do brincar. Para isto, utilizamos obras de autores que defendem a prática lúdica nas salas de aula da educação infantil. Pois se trata de uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico que nos oportuniza uma ampliação dos conhecimentos teóricos sobre a importância positiva da brincadeira na educação infantil.

A influência positiva da Brincadeira de qualidade na Educação Infantil

A educação infantil, por muito tempo, foi vista como uma prática pouco importante, bastando que assistidas quanto os cuidados e alimentação. Hoje, a educação infantil é parte integrante da oferta da educação básica, é vista e defendida como a base da educação escolar. Ao fazer parte da primeira etapa da Educação Básica, ela é concebida como questão do direito e de qualidade.

Partindo desse pressuposto, a criança é cidadã, portanto, poder escolher e ter acesso ao brinquedo e as brincadeiras que fazem parte do direito ao lazer. Mesmo sendo pequena e vulnerável, a criança é dotada de conhecimento e habilidades como: tomar decisões, escolher o que fazer, olhar e pegar coisas que possam entender como interessantes. A criança vive e convive em meio às informações e, a partir do acesso aos jogos e brincadeiras, consegue concretizar habilidades indispensáveis a sua etapa de vida.

O ato de brincar na escola é uma das atividades essenciais na rotina do professor da educação infantil. É através dessa prática dinâmica que a criança se descobre e descobre o mundo a sua volta. Sua importância reside no fato de ser uma ação livre, iniciada e conduzida com a finalidade de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, as outras pessoas e o mundo em que vive. Brincar é recriar ações prazerosas, expressar situações imaginárias, criativa, compartilhar brincadeiras com outras pessoas, expressar sua individualidade e sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se e participar da cultura lúdica para compreender seu universo. Ainda que o brincar possa ser considerado um ato inerente à criança, exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender.

O brinquedo visto como objeto concreto, parte suporte da brincadeira ou do jogo pode ser industrializado, artesanal ou fabricado pela professora junto com a criança e a sua família. Para brincar em uma instituição infantil não basta disponibilizar brincadeiras e brinquedos é preciso planejamento do espaço físico e de ações intencionais que favoreçam um brincar de qualidade. Desta forma, a escola, como segundo espaço educativo, consegue distinguir certo e errado, de uma forma prazerosa e lúdica.

A pouca qualidade ainda presente na Educação Infantil pode estar relacionada à concepção equivocada de que o brincar depende apenas da criança, não demanda suporte do adulto, observação, registro nem planejamento. Tal visão precisa ser desconstruída, uma vez que a criança não nasce sabendo brincar. Ao ser educado, a criança deve entrar em um ambiente organizado para recebê-la, relacionar-se com as pessoas (professoras, pais e outras crianças), escolher os brinquedos, descobrir os usos do adulto ou de outra criança para aprender novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprender, a criança reproduz ou recria novas brincadeiras de suas experiências. É nesse processo que vai experimentando ler o mundo para explorá-lo: vendo, falando, movimentando-se, fazendo gestos, desenhos, marcas, encantando-se com suas novas descobertas.

A brincadeira de alta qualidade faz a diferença na experiência presente e futura, contribuindo de forma única para a formação integral das crianças. As crianças brincam de forma espontânea, em qualquer lugar e com qualquer coisa, mas há uma diferença entre uma postura espontânea e outra reveladora da qualidade. A alta qualidade é resultado da intencionalidade do adulto que ao implementar o eixo das interações e brincadeiras, procura oferecer autonomia as crianças, para a exploração dos brinquedos e a recriação da cultura lúdica.

Partindo desse pressuposto, é essa intenção que resulta na intervenção que faz no ambiente, na organização do espaço físico, na disposição do mobiliário, na seleção e organização dos brinquedos e materiais nas interações com as crianças. Para que isso ocorra, faz-se necessária a observação das crianças, a definição de intenções educativas, o envolvimento das crianças, das famílias, e das suas comunidades e, especialmente, a ação interativa das professoras e de toda equipe.

Compreende-se então que é o conjunto desses fatores, as concepções, o planejamento do espaço, do tempo e dos materiais, a liberdade de ação da criança e a intermediação do adulto que faz a diferença no processo educativo, resultando em uma educação de qualidade para a

primeira infância. Não se separa, portanto, a qualidade da brincadeira da qualidade da Educação Infantil.

Diante dessa discussão nos remete falar o pensamento de Jussara Hoffmann (2012):

É muito frequente os professores dirigirem permanentemente o tempo das crianças, falando sem parar, orientando-as ou intervindo em qualquer brincadeira, deixando-as conversar e brincar livremente apenas nos seus momentos de “folga” ou de pátio. (HOFFMANN, 2012, p. 68)

Ainda sobre essa questão a autora ressalta que a pergunta que faz sempre em suas discussões aos professores de Educação Infantil é: quantas atividades, jogos e brincadeiras são desenvolvidas porque vocês as planejaram, previamente, e quantas situações ocorreram no dia a dia que partiram de sugestões, interesses ou necessidades observadas da própria criança? A autora continua questionando. Quem acompanha quem? Os professores acompanham as crianças, ou as crianças acompanham os professores? Quando um professor não respeita e valoriza as crianças em suas reações, estratégias e pensamentos, ele é quem precisam se adequar a continuidade do pensamento dele, ao seu ritmo, ao seu tempo, a sua vontade. O que é perigoso, principalmente, quando se pensa nas crianças que permanecem desde bebê, cinco dias por semana, de oito a nove horas nas instituições. O que acontecerá com elas se não tiverem tempo, quando pequenas, de brincar sozinhas ou de não fazer nada simplesmente? Qual será a consequência disso em suas vidas?

Daí a necessidade da formação para os professores para que não continuem a cometer provável erro. O cenário da Educação Infantil deve se constituir em um ambiente de brincadeiras alegres, desafiadoras e espontâneas, no sentido de favorecer a exploração livre dos objetos, da vivência de situações adequadas ao tempo da criança, no qual ela possa escolher brinquedos ou parceiros, num ritmo próprio, mesmo que diferentes de outras, sem pressões ou expectativas dos adultos a serem cumpridas.

Nesse espaço, o papel dos professores é o de ampará-los, de conversar com elas, de dar-lhes todo afeto e orientação necessária, organizando e propondo ricas oportunidades de aprendizagem. O acompanhamento da criança é uma responsabilidade permanente de todos os adultos que convivem com ela. O seu desenvolvimento depende fortemente de um ambiente favorecedor, da disponibilidade dos adultos em conversar, brincar, prestar-lhe de fato atenção.

Ainda na visão de Hoffmann (2012) é preciso desvendar na medida do possível os “enigmas” de uma criança. Que exige, portanto, observação continuada, estudo e reflexão. Por isso, a qualificação docente é essencial na Educação Infantil. Todavia, improvisam-se muitas vezes, profissionais para esse nível de ensino, que, por sua vez, improvisam muitas de suas

ações. Essas situações são muitas vezes decorrentes de falta de recursos educacionais, muitas instituições ainda contam com auxiliares, professores e gestores sem formação específica. Além disso, diante de extensa carga horária, não há programas de formação, troca de experiências ou reflexão sistematizada sobre o fazer pedagógico entre os profissionais na própria instituição.

As consequências dessa situação estão presentes em várias cenas de realização docente, tais como na força do improviso em relação à dinâmica dos trabalhos realizados em sala de aula, na falta de intenção definida, sequência e aproveitamento das atividades que se atropelam, na frieza de um ambiente constantemente igual, sem organização previa condizente com o tema a ser desenvolvido, ambiente este que não desafia a criança, não favorece o aflorar de seus interesses e necessidades e, tampouco, a exploração do mundo real. (HOFFMANN, 2012, p. 28-29)

O pensamento de Hoffmann vai de encontro ao de Oliveira (2012, p.96) a esse respeito, a autora ressalta que, “os ambientes de Educação Infantil ganham em qualidade ao considerar as crianças como protagonistas das situações, atividades e experiências que vivem na creche ou na escola”. É preciso, porém, avançar nesse objetivo. Com relação à qualidade do tempo que as crianças passam nas instituições, muitas vezes jornadas integrais, é importante fazer o necessário exercício de colocar-se no “lugar das crianças” e considerar a “sua” noção de tempo e de participação nas atividades que lhes são próprias como ponto mais importante, o ponto de partida do qual qualquer programação didática deveria ser estruturada, numa concepção contemporânea de Educação Infantil, onde atividades lúdicas devem estar presentes como estratégia e essência do processo educativo.

Atualmente reconhece-se que as brincadeiras são de fundamental importância na educação da criança pequena. Mas, que tipos de brincadeiras poderiam, então favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem infantil? Diferentes autores têm se dedicado ao estudo do papel do jogo / brincadeira no desenvolvimento infantil, adaptando a classificação proposta por Kishimoto (2008), em cinco categorias principais, que, às vezes, se sobrepõem:

A primeira categoria refere-se aos Jogos de faz de conta- de papéis simbólicos, imaginativos ou socio dramáticos, são aquelas brincadeiras nas quais as crianças assumem papéis e fingem que uma ação ou um objeto tem um significado diferente daquele que lhe é atribuído habitualmente.

Às vezes, a criança pode apenas fazer um gesto com as mãos, reproduzindo o ato de pentear. Como em outra atividade de imitação, nas situações de encenação, não há uma réplica perfeita da realidade;

Já a segunda categoria citada por Kishimoto (2008) refere-se aos jogos tradicionais infantis: são aquelas brincadeiras que fazem parte da cultura popular e são transmitidas,

anonimamente, de geração em geração, principalmente por meio da oralidade. Segundo Kishimoto (2008), enquanto algumas conservam sua estrutura inicial, outras se modificam ao longo do tempo. Entre tais brincadeiras, podemos mencionar “amarelinha”, pião, “papagaio”, “esconde-esconde”;

A terceira categoria citada pela autora, são os jogos de construção: que para ela são aquelas brincadeiras nas quais a criança constrói ou cria alguma coisa a partir de materiais da natureza, como terra, e água, ou de peças industrializadas, como os blocos de madeira especialmente fabricados para montagem de casas em miniatura. De acordo com Kishimoto (2008), tais jogos estão estreitamente relacionados às brincadeiras de faz de conta, já que as crianças constroem casas, móveis e cenários para os jogos simbólicos que desenvolvem;

A quarta categoria segundo Kishimoto (2008) são os jogos de regras: são aqueles jogos nos quais as regras orientam as ações de cada jogador, como acontece, por exemplo, no xadrez, no baralho, no dominó, entre outros. Embora tais jogos caracterizam-se pela existência de regras, é fundamental observar que estas também podem estar presentes em outros tipos de brincadeiras, como nos jogos de faz de conta e nas brincadeiras tradicionais infantis;

E por fim a quinta categoria são os jogos didáticos, ou seja, aqueles jogos que são inseridos no cotidiano escolar, de modo planejado, com finalidades claramente articuladas ao currículo dos diferentes campos do saber. Tais jogos além de propiciarem diversão, integram o mundo infantil a esfera escolar (e a outros espaços que com a escola dialogam) com fins didáticos.

A inserção de situações de uso desses jogos é planejada por um adulto, que media a participação das crianças, explicitando, por meio de orientações verbais e pelos modos como os objetos são dispostos no ambiente, uma intenção previamente planejada com fim de aprendizagem de conteúdos curriculares.

O jogo didático algumas vezes é denominado de “jogo educativo”. No entanto, Kishimoto (2008) alerta que todo jogo é educativo em sua essência, pois a criança sempre se educa em qualquer tipo de jogo. Como foi dito anteriormente, concebemos, assim como a autora citada, que toda brincadeira contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem infantis.

As autoras Brandão e Rosa (2011) alertam, portanto, que na última categoria citada jogos didáticos referem-se aos jogos usados a partir de um planejamento prévio dos educadores. Concebem na verdade que os jogos, ao serem inseridos no espaço escolar, assumem dimensões específicas próprias desse contexto. Por tal motivo, o termo “jogo didático” pode ser usado não apenas para nos referirmos aos jogos criados para o ensino de conteúdo específicos, como

também aqueles que , embora não tenham sido concebido para cumprir uma função pedagógica, como alguns jogos tradicionais infantis e de regras, também são usados na escola, com adaptações, ou seja, como recurso didático.

As autoras Brandão e Rosa (2011) têm como propósito defender a importância de todos esses tipos de jogos no desenvolvimento infantil, argumentando a favor de criar condições favoráveis para que eles façam parte do cotidiano das crianças, tanto em situações mais espontâneas quanto em situações mais orientadas pelos adultos que com elas convivem nas instituições de educação infantil. As autoras continuam enfatizando que as brincadeiras livres, assim como as propostas e orientadas pelos adultos, desempenham importante papel na vivência infantil. Os jogos planejados pelos professores para estimular o desenvolvimento de habilidades e aprendizagem de conceitos considerados importantes na educação infantil também podem ser inseridos no cotidiano escolar. Podemos, portanto, contemplar na educação infantil tanto as brincadeiras criadas com fins pedagógicas quanto as que fazem parte do mundo infantil e emergir em outras esferas sociais, mas são inseridas no espaço escolar com fins didáticos, diz as autoras acima.

No planejamento de tais brincadeiras, necessita-se, portanto, considerar as motivações e as possibilidades infantis nas diferentes faixas etárias, os objetivos de aprendizagem, considerando-se a relevância dos conhecimentos e habilidades para a vida das crianças, e as condições físicas e temporais do espaço escolar.

O brincar e as relações interpessoais

As famílias da sociedade atual que participa da vida escolar dos filhos cobram e questionam determinadas metodologias utilizadas por alguns educadores entre tantos: como meu filho irá aprender “ler e escrever” brincando?

Friedmann (2012, p.19) nos propõe refletir sobre o brincar, visto que a brincadeira existia na vida dos seres humanos bem antes das primeiras pesquisas sobre o assunto: desde a antiguidade e ao longo do tempo histórico, nas diversas regiões geográficas, existiam evidências de que o homem sempre brincou. Mas, talvez, em decorrência da diminuição do espaço físico e temporal destinado a essa atividade, provocada pelo aparecimento das instituições escolares, pelo incremento da indústria de brinquedos e pela influência da televisão, de toda massa eletrônica e das redes sociais, tenha começado a existir uma preocupação com a diminuição do

brincar e a surgir um movimento pelo resgate na vida das crianças e pela necessidade de demonstra sua importância em estudos e pesquisas.

Percebe-se que com o passar dos tempos muitas brincadeiras como pula corda, amarelinha, esconde-esconde entre outros foram perdendo espaço no repertório de brincadeiras entre as crianças. É comum hoje crianças bem pequenas preferirem um brinquedo tecnológico de última geração, que em muitos casos os tornam dependentes.

A esse respeito Sommerhalder e Alves (2011) ressaltam que muitas vezes criamos a ideia que um brinquedo:

“bom” é aquele mais sofisticado. Aquele que faz tudo. Designe moderno com tecnologia de ponta (que encanta os olhares consumista de todas as idades). No entanto, acreditamos ser essa uma falsa ideia. Talvez uma simples bola de meia, uma boneca de pano ou mesmo uma vassoura, produzam um efeito muito mais significativo em termo de aprendizagem e desenvolvimento na criança do que aqueles objetos- brinquedos mais sofisticados. O brinquedo é parceiro da criança em seus jogos e brincadeiras. (SOMMERHALDER & ALVES, 2011, p.14)

Para Benjamin (1984) apud Sommerhalder (2011), “quanto mais atraentes forem os brinquedos, mais distantes estarão de seu valor como “instrumento” de brincar”. Quando ilimitadamente a imaginação anuncia-se neles, tanto mais desviam-se da brincadeira viva.” a criança só resta reproduzir. O exercício de criar, recriar, montar, desmontar, cede lugar a reprodução. Por isso temos que instigar as crianças se envolverem com brincadeiras/brinquedos do folclore brasileiro com seu repertório de atividades lúdicas simples que na sua simplicidade é capaz de fazer com que as crianças viagem num mundo imaginário e consiga criar construindo um conhecimento sólido.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) diz que: a criança é um sujeito sócio histórico e faz parte de uma organização familiar que estar inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, e um determinado momento histórico.

O professor poderá ensinar as crianças jogos e brincadeiras de outras épocas. Para a criança é interessante conhecer as regras de brincadeiras de outros tempos, observar o que mudou em relação às regras atuais saber do que eram feitas os brinquedos etc.

Ainda sobre essa discussão, Oliveira (2012) comenta: “no Brasil, o repertorio de brincadeiras é bastante variado e ganhou um colorido diferente em cada região”. O nome das brincadeiras, muitas vezes as regras mudam numa devida região. Ter a oportunidade de apropriar-se desse repertório popular que só se transmite de boca a boca, de geração para geração, é algo que se pode viver na Educação Infantil.

Na proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010), um trabalho intencional pode “garantir experiências que propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras”.

Ainda segundo Oliveira (2012) “as brincadeiras tradicionais também tem a vantagem de ampliar as possibilidades de interação, pois todas elas pressupõem o papel do outro completando as ações das crianças com um gesto, uma fala, um movimento”.

Por isso são tão bem aceitas nos primeiros dias das crianças na unidade educacional, ocasião em que elas precisam se misturar, conhecer os colegas novos e ter uma boa experiência de socialização.

Segundo Friedmann (2012, p.23) as crianças já nascem inseridas em uma determinada cultura na qual vão desenvolver competências pessoais e adquirir conhecimentos prévios e historicamente definidores de um ou outro grupo social.

Dentro dessas culturas, desses sistemas que relacionam o saber e a existência, é necessário pensar na contracorrente da cultura erudita e na recriação das humanidades. Assim, os grupos infantis participam dessa recriação com sua criatividade, com a ressignificação das brincadeiras e atividades, novos vocabulários, novos conteúdos, novas regras, novos espaços e objetos possíveis, contribuindo para a contracorrente desde o berço. Ainda segundo a autora as atividades lúdicas infantis, brincadeiras, produção plásticas, expressões corporais-caracterizam as diversas culturas com seus saberes, suas crenças, seus conteúdos e valores, e levam a marca, a influência de todo o entorno familiar, social, midiático e mercadológico.

Essas representações e seu simbolismo têm vida própria e “dizem” da criança, do seu ser, das suas emoções, das suas crenças, da sua realidade. A autora ainda reforça que a antropologia contribui com leituras e análises do que as crianças fazem, do que brincam dos sentidos que estabelecem e das suas aprendizagens. As singularidades definem cada ser humano em seu temperamento, sua individualidade, suas relações, sua essência. Os jeitos de expressar-se ludicamente e os repertórios lúdicos de cada criança são os canais de comunicação que elas têm para aprender o mundo a sua volta, relacionar-se com os outros e com seus entornos.

Sommerhalder e Alves (2011, p.53) levantam uma questão bem pertinente quando dizem com a entrada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental os jogos e brincadeiras já não são permitidos, muito menos fazem parte da rotina escolar. Na visão das autoras é comum observamos as professoras chamando a atenção das crianças para pararem de brincar com frase tipo: “olha a sua idade você não é mais criança”, “agora é hora de estudar e não de brincar”. É

notória a compreensão do brincar como algo fútil, uma atividade não seria sem valor educativo em si mesmo.

Outro aspecto levantado por Sommerhalder e Alves (p.92) é importante trabalhar com as crianças a possibilidade de adaptação de um material, ou mesmo de uma ferramenta, desafiando-as a trabalharem na construção de brinquedo de modo flexível e não rígido, bem como estimulando e incentivando as criações e não a produção de estereótipos de brinquedos. Nesse sentido, alerta Sommerhalder e Alves (2011), concordando com Weiss (1995):

É aí, nesse momento, que o profissional, às vezes mal preparado, lança mão de uma apostila, de uma fórmula, e todas as crianças transformam um mesmo material num mesmo objeto como, por exemplo, um copo de iogurte que se transforma em flor, em coelho de páscoa, etc. como geralmente acontece nesses casos, o professor fica preocupado com a representação real do objeto (o coelho tem que parecer coelho), ou acaba interferindo na própria construção, preestabelecendo todas as etapas. O resultado não poderia ser outro: objetos estereotipados, iguais nos quais se torna difícil perceber a intervenção da criança. (SOMMERHALDER & ALVES, 2011, p.105)

As brincadeiras tradicionais e populares fazem parte do patrimônio lúdico dos diferentes grupos infantis, constituindo as culturas da infância. Elas são uma forma especial de cultura folclóricas, que se opõe a cultura escrita, oficial e formal. O que distingue e caracteriza são seus critérios de formação e seu mecanismo de transição, os quais fazem delas um tipo de folclore infantil e da cultura popular em geral.

Friedmann (2012, p.59), ressalta que o estudo das brincadeiras tradicionais vem de longa data. A primeira coleção de brincadeiras folclóricas foi publicada em 1283, pelo rei de castelã, Afonso X, o sábio. Atualmente, a herança cultural inclui várias coleções e estudos de brincadeiras tradicionais e brincadeiras em geral.

Metodologia

Este trabalho fundamentou-se em pesquisas bibliográficas e utilizou como parte da sua fundamentação, a teoria de Kishimoto (2008), que nos apresentou conceito e importância da brincadeira de qualidade no âmbito da educação infantil. A mesma também abre caminhos para a liberdade e desenvolvimento de autonomia e a criatividade, dando-lhe oportunidades diversas de interferência e intervenção de práticas sociais no meio em que está inserido.

O estudo buscou demonstrar a influência da brincadeira na vida das crianças, apresentando-a como oportunidade de desenvolvimento e construção cognitiva e social dos alunos.

Considerações Finais

O desenvolvimento da presente pesquisa nos possibilitou maior entendimento sobre a necessidade não apenas da brincadeira na sala de aula de educação infantil, mas de brincadeiras de qualidade, que sejam desenvolvidas com um objetivo preestabelecido e que desenvolvam competências e habilidades necessárias ao aluno.

Uma das ideias que mais nos chamou atenção foi a de a escola promover à criança momentos de exploração do seu brincar natural, mas dentro da prática pedagógica. O exercício lúdico deve ser direcionado pelo professor para que sejam desenvolvidas as mais variadas potencialidades.

Pelo exposto, cabe ao professor estimular seus alunos através dos métodos lúdicos para que tenham um efetivo e prazeroso aprendizado. É necessário o abandono da estagnação tradicional dos instrumentos pedagógicos para que se forme um melhor, e mais dinâmico, ambiente escolar.

Por meio das leituras e estudos realizados durante a pesquisa, foi possível compreender o qual complexo e importante é ter uma postura emocional e dinâmica nas turmas de educação infantil, para que todo o processo de aquisição de habilidades básicas, conforme nos orienta o RCNEI e a BNCC, nos campos de aperfeiçoamento da educação infantil possam ser atingidos de forma qualificada.

Ainda, afirmamos com veemência que, somente a educação infantil, por meio dos seus paradigmas e projetos de trabalho e ensino é capaz de tornar o mundo das nossas crianças mais livre, colorido e utópico, e, tudo isso se dá, por meio do brincar, quando feito de forma responsável e cautelosa.

Contudo, compreendemos que a brincadeira de qualidade faz a diferença na experiência presente e futura da criança, contribuindo de forma única para a formação integral das crianças. A alta qualidade é resultado da intencionalidade (planejamento) do adulto que ao implementar o eixo das interações e brincadeiras, procura oferecer autonomia as crianças, para a exploração dos brinquedos e a recriação da cultura lúdica.

Referências

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi, & ROSA et al, Ester Calland de Souza, Bruner Vygotsky & Smith. **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. Ed. Belo horizonte; Autentica Editora, 2011, p.15-19.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão**. Sao Paulo: Editora Moderna, 2012.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto alegre: Mediação, 2012.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo. Brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

SOMMERHAIDER, A. & Alves D. Fernando. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender**. 1ª ed.. Curitiba, PB: CRV, 2011.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

BELO, Aparecida Alves Leite; NUNES, Cícera Alves. A Influência Positiva da Brincadeira na Educação Infantil. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 280-292. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 06/11/2020;

Aceito: 12/11/2020.